

INDIOS FULNIÔS

Karnijós de Pernambuco

TH. POMPEU SOBRINHO

Dos antigos tapuias nordestinos resta ainda, sensivelmente pura, uma tribo notavel pela resistencia que sempre opôs e que vem opondo á assimilação da cultura européia,envolvente e opressiva desde muitos anos, razão por que tem, em parte, conseguido furtar-se ao processo degenerativo que, ordinariamente, acompanha de perto o contacto de duas civilizações muito diversas e desigualmente evoluídas. Dentro do seu ciclo social, esse pequeno povo amerindio vai mantendo com admiravel pertinacia muitos elementos da sua cultura caracteristica, como a lingua, dansas religiosas, restos de uma organização social, etc. (1) Certamente, tem havido absorpção e degenerescencia no seio dos indios Karnijós encantoados e cruelmente constringidos numa área insignificante, resto diminuto dos seus amplos dominios de outrora.

(1) Os carnijós, como alguns povos amerincolas, resolvem em assembléas ou conselhos todos os casos referentes á politica e á policia da tribo. O conselho dos Fulniós é muito solene e se reúne num lugar sagrado, tabú em certa época, pois é vedado ás mulheres e aos estranhos. Nesse lugar, também são celebrados os atos religiosos, com grande respeito; fica cêrca de uma legua da aldeia e se denomina *Ouricuri*, nome de uma palmeira (*Cocos schizophylla*, Mart.) da flora sertaneja. Os officios religiosos obedecem a um ceremonial complicado, com dansas e canticos sagrados. Entre as pessoas de maior consideração da tribo estão os *Falêdatô*, especie de casta a quem compete a convocação para as reuniões no lugar sagrado. Outro grupo ou casta tem funções diversas; é o dos *Waledatô* e cabe-lhe a obrigação de dirigir a primeira parte das ceremonias religiosas. Segue-se o grupo dos *Lildiaká*, que se encarrega de conduzir a segunda parte daquelas ceremonias; as duas partes restantes ficam respectivamente a cargo dos *Tchtokô* e dos *Selâdia*. Segundo M. Melo as festas religiosas são celebradas em agosto.

As reliquias desses tapuias vivem hoje nas proximidades da serra do Comonaty, município de Aguas Belas, estado de Pernambuco.

As mais remotas notícias que possuímos dos Karnijós se encontram na “Descrição de Pernambuco com parte da sua história e legislação até o governo de D. Marcos de Noronha, em 1746; e mais alguns documentos até 1758”, de autor desconhecido, porém de cunho positivamente oficial. Este interessante documento historico foi parcialmente publicado na Revista do Instituto Archeologico de Pernambuco (vol. XI, n. 60, 1903).

Na parte que nos diz respeito, a relação das aldeias sujeitas á junta das Missões do bispado, se acham as seguintes indicações: “Villa de Penedo: — Aldeia da Alagoa da serra do Comonaty, invocação de N.^a Snr.^a da Conceição, o Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Caboucollos da lingua geral chamados Carnijós”.

Em seguida, ha ainda esta outra referencia: “Freg.^a do Arorobá:—Aldeia dos Carnijós, cita na Ribeira de Panema, lugar da Lagoa, o seu Missionario he Sacerdote do habito de São Pedro, tem huma Nação de Tapuias chamados... e 323 pessoas”.

O jornalista Dr. Mario Melo, dedicado á nobilitante empreza de fazer alguma luz sobre a historia e a vida desses indios, julga, em vista daquela “Descrição de Pernambuco”, que os Karnijós são membros da familia Kariri e conclue que Rodolfo Garcia tem razão quando faz igual classificação ethnica. O Sr. Estevão Pinto, em alentado trabalho de divulgação, recentemente publicado, adota este mesmo conceito (2).

Entretante, não é difficil verificar que, de acôrdo com o criterio taxioncnico mais corrente para definir os grupo ethnicos dos amerincolas, os Karnijós ou Fulniôs não devem ser considerados Kariris.

Não ha muito tempo, o Dr. Mario Melo visitou o aldeamento desses indios, em Aguas Belas, tendo colhido então curiosas informações a respeito do seu estado social e organizado um vocabulario da lingua que uzam correntemente. Esse vocabulario, com mais de 300 palavras, ressen-te-se da inexperiencia do autor, não habi-

2) “Os Indigenas do Nordeste”.

tuado á difficil tarefa de tratar com aborigenes. Todavia, constitue rica e preciosa contribuição original. Publicado em 1929, na Revista do Museu Paulista, foi tirado em separata e novamente publicado na Revista do Instituto Archeologico, Histórico e Geographico Pernambucano (vol. XXIX).

O Sr. Jacobina, illustre funcionario do "Serviço dos Indios", colheu tambem interessantes informações, quer quanto á vida social, quer quanto á lingua dos Fulniôs (3).

Recentemente, o Dr. Mario Melo teve a gentileza de mandar-me duas relações de frases, por ele mesmo recolhidas de membros da tribu, em Recife (4).

Em 1886, o notavel geologo, norte-americano Dr. J. C. Branner teve oportunidade de tratar rapidamente com um velho carnijó e organizou a pequena lista de termos e expressões que publicou nos "Proceedings of the American Association for the Advancement of Science", sob o titulo "Notes upon a native brazilian Language".

O material linguistico que vimos de referir, conquanto resumido, já permite verificar que a lingua dos indios Kar-nijós difere consideravelmente da dos amerincolas da familia Kariri, bem como das que constituem os grupos Tupí, Gê, Karaiba, Arawak, Bororó e outros que formam o vasto e desordenado acervo da linguistica americana do Brasil.

Causa admiração notar que, apesar de viver essa tribu em região muito acessivel, entre gente civilizada, não tenha sido objeto de estudos mais completos e regulares por parte dos etnografos brasileiros e estrangeiros.

3) A excelente contribuição do Sr. Jacobina consta de um caderno manuscrito, com 6 paginas, e se intitula "Indios de Aguas Bel-las (Fulniô ou Carnijós). Linguagem. Ligeiras Anotações". Registamos aqui os nossos agradecimentos.

4) Em 1931, enviamos ao prestimoso Dr. Mario Melo uma relação de 26 frases soltas que teve a bondade de verter para o carnijó com o auxilio de um indio que se achava então no Recife. Como este material fosse insufficiente, voltámos com mais 32 frases típicas que o illustre amigo tambem conseguiu verter para a lingua dos indios. Ao Dr. Mario Melo devemos estes favores inestimaveis, pelo que lhe somos muito grato.

NOTAS GRAMATICAIS

Evidentemente, os elementos disponíveis são insuficientes para que se tenha uma noção completa dos fatos gramaticais do falar carnijó; tentaremos por isto apenas dar algumas idéas incompletas dos que oferecem maior importancia. A imprecisão do material disponível obriga certas vezes á emissão de hipóteses verosímeis, baseadas em indícios mais ou menos sugestivos que sempre procuramos multiplicar.

Fonética. A fonética Karnijó, sem dúvida, é bastante complexa. Isto se depreende dos aspectos diferentes de certos vocabulos grafados pelos diversos autores que os recolheram da boca dos índios.

Assim a palavra “peito” foi escrita:

por Branner d'hôhô

por Jacobina djohô

por Melo diohô.

O numeral “dois” foi grafado:

cano (B)

tcâno (J)

teano (M)

O substantivo “cavalo”, expressão certamente nova no seio da língua:

taiáw (B)

etátiô (M)

etháiô (J)

Em d'hôhô Branner não percebeu completamente o som da africata sonora prepalatal dj a não ser que se trate de um som especial que os autores brasileiros apanharam mal, assimilando-o a dj. Todos, porém, anotam o cuidado e as atenções que tiveram na colheita do material.

A confusão entre o j e o i nas linguas americanas explica a divergencia em djohô e diohô. Na representação do numeral, Branner não percebeu que a inicial era uma africata surda; o a medial do autor americano é aberto, enquanto o dos autores nacionais é fechado. Na palavra taiáw, que não passa de uma deturpação do termo português cavalo, Branner percebeu a semivogal sonora w, a que os outros não estando habituados, confundiram com o u. Entre o t inicial e o a medial, Jacobina intercalou uma aspiração que afeta sensivelmente a pronuncia do vocabulo em relação á dos outros autores.

O Dr. Branner afirma que o velho carnijó com quem praticou lhe dissera que a sua pronuncia era melhor do que a dos brasileiros, fato que naturalmente atribuiu á ausencia, no falar português, de muitos sons comuns ás linguas inglêsa e indigenas.

O illustre geologo observa que, na linguagem dos Fulniôs, ha varios sons que não ocorrem no português e muitos outros "que não temos em inglês". Entre os ultimos indica o *ch* alemão; entre os primeiros *th*, *u*, *w*, *h*.

Infelizmente, o seu vocabulario é extremamente reduzido; consta apenas de 29 palavras e uma frase. O Sr. Jacobina, cuja contribuição tambem se ressent de igual falta, não atende á parte fonetica com o mesmo interesse, defeito ainda mais acentuado no trabalho do Dr. Mario Melo.

No discurso a modulação dos sons é curiosa e inimitavel pelos estranhos, as palavras polisilabas são pronunciadas rapidamente do meio para o fim.

Na transcrição das palavras, usaremos as anotações seguintes que permitem dar uma idéa dos principais fatos foneticos, tais quais conseguimos colher dos autores indicados:

Vogais: *a*, para o *a* aberto, como em *lata*; *â*, para o *a* fechado, como em *lama*; *e* para o *e* aberto, como em *fera*; *ê*, para o *e* fechado, como em *mesa*; *i*, como em português; *o*, para o *o* aberto, como em *colo*; *ô*, para o *o* fechado, como em *lobo*; *ö*, para o som *eu* francês, como em *cheveu* (este som confunde-se muitas vezes em o *ê* português, tanto que assim o grafam Jacobina e Melo); *u*, como em português.

Semivogal: *w*, como em inglês ou na palavra portuguesa *qwasi* ou *quasi*.

Consoantes: Como em português, salvo os seguintes casos: não usaremos *c* nem *ç*, para substituir o *c* duro empregámos o *k*, para os demais casos o *s*; nunca utilizamos o *s* para representar o som de *z*; o *q* será substituido por *k*; o *g* ha de ferir sempre forte.

Empregaremos o x para representar somente o ch do francês.

O sinál de aspiração é o h, que não terá outro fim senão representar o som liquido lh e o nasal nh, palatais do português; algumas vezes substituímos h pelo sinál (').

O th inglês, o r velar, que o português em alguns casos grafa rr, e o j espanhol ou ch alemão serão respectivamente representados por t', r', x'. A nazalidade das vogais será indicada, como ordinariamente, pelo diacrítico ̃; a altura maior dos sons pelo acento agudo ' e a menor pelo acento ˘; a redução, quando muito sensível, pelo sinál °.

Finalmente, uma ligeira pausa, entre certas sílabas, comum nesta lingua, será indicada pela intercalação de um ponto.

As palavras são em geral oxítonas.

De acôrdo com tais convenções, as palavras que Melo grafa cêtiçô (ox), (5) ikelê-ca serão grafadas sêtisô, ikêlê.ká; as que Jacobina escreve thodô, lilicacá serão escritas t'odô, lilisaká, etc.

Na composição, ha tendencia para reduzir certos sons: I lêk.ká (um cacête pequeno) em vez de I.lê.ekká.

Substantivos. — O karnijó indica o genero de duas maneiras: tratando-se de animais, pospõe-se ao masculino a palavra — edêa — que significa femea.

Lefeti.á	boi;	Lefeti.áedêa	vaca;
Etaiô	cavalo;	Etaiôedêa	egua.

Nos demais casos, emprega-se um sufixo indicador do feminino. Os pequenos vocabularios de que dispomos permitem distinguir os quatro seguintes sufixos: nkia, sá, ká e ne, todos applicados a pessoas:

Sêtisô, amerincola	Sêtisôkia, amerincola (mulher);
--------------------	---------------------------------

5) No seu vocabulario, o Dr. Mario Melo assigna a acentuação tónica, escrevendo adiante de cada palavra, entre parenteses, oxítono, paroxítono ou proparoxítono, de acôrdo com a posição da sílaba predominante.

Klain, homem branco;	Klaínkia, mulher branca;
Itxaí, neto;	Itxainkia, neta;
Iadêdúa, menino;	Iadedunkia, menina;
Efôtudoá, viúvo;	Efôtudunkia, viúva;
Efô, esposo;	Efô.nedunhia, esposa;
Iká, filho;	Iká.sá, filha;
Itsá, primo;	Itsa.ká, prima;
Ifoke°, sobrinho;	Ifôkene, sobrinha.

Não ha indicação de genero para os seres inanimados. Mesmo para certos casos referentes a seres animados, e o que é de admirar, não ha meio de caracterizar os generos; o masculino e o feminino são expressos com palavras diferentes:

Itô, avô;	Isí, avó;
Ost.ká homem;	Txá.í, mulher;
Isitê, tio;	Itxilí, tia;
Txakinexá, rapaz;	Kô.ia, rapariga.

O numero dos substantivos, ordinariamente, não tem representação concreta. Todavia, quando importa exprimi-lo, para evitar confusões, emprega-se o sufixo á:

Sêtisô, amerincola;	Sêtisô.á, amerincolas.
---------------------	------------------------

O grau dos substantivos tem representação rudimentar. Não ha sufixo para exprimir a idéa de aumento ou diminuição dos nomes, salvo esse mesmo á que tambem serve para modificar a significação dos nomes acrescentando-lhe uma idéa acessoria de intensidade, grandeza ou tamanho:

Fwlí, rio;	Fwliá, rio grande ou principal;
Lefê, animal;	Lefêá, veado (animal grande).

Talvez o sufixo á não seja mais do que a fôrma contraída de lhá que tem a significação de “importante”, “nobre”, e provavelmente tambem — “multidão”:

Klaí.xiúa, padre;	Klaíxiúa.lhá, padre distinto, bispo (M);
Klaí, homem branco;	Klaí.lhá, homem branco de elevada posição;
Iatí, casa (aliás, nossa)	Iatilhá, nome dado á cidade de Aguas-Belas pelos indios Carnijós.

As expressões: lefêtiá boi, e fêtiá (sol), derivada de fêa (lua, terra grande) deixam supor que a particula ti reforce a idéa de grandeza.

Adjetivos nominais. Quanto á posição, podem vir somente depois do respectivo substantivo; quanto ao genero, os que se referem a um substantivo significando pessoa no feminino levam o sufixo ne:

Klaintilexi, homem branco bonito;
 Klainkia tilexine, mulher branca bonita;
 Sêtisô ekaká, caboclo bom;
 Sêtsôkia ekakane, cabocla boa.

Adjetivos determinativos. As frases seguintes, tiradas dos coletores referidos, sobretudo Melo, revelam os indices possessivos e demonstrativos:

I.tfê, meu pai;	A.tfê, teu pai;
I.lêkká, meu cacete pequeno;	A.lêer'resá, teu cacete grande;
I.kefêkê, minha roça;	A.tí, tua casa;
I.kutxilika, minha caça;	A.kefekê, tua roça;
I.tó, meu olho (B);	A.tó, teu olho (B);

Sa.tfê, seu pai (dele);
 Ia. tí, nossa casa;
 Ia.tisilê, nossa aldeia;

Uá txaiá, este machado;	Txiuá efêklá, aquele ancião;
Ua setí, esta casa;	Txiuá klaí, aquele branco.

Realmente, saltam á vista os indices possessivos:

I, meu, minha;
 A, teu, tua;
 Sá, seu (dele);
 Iá, nosso, nossa.

Não encontramos referencia ao possessivo da segunda pessoa do plural e, quanto ao da terceira pessoa, Jacobina afirma não existir.

O exame dos pronomes possessivos mostra que os prefixos, aqui referidos, nada são mais do que respectivamente as primeiros sílabas desses pronomes.

Por analogia, é de crer seja **ua** o prefixo desconhecido, pois tal é a primeira sílaba do pronome correspondente. Teríamos então:

Uai.tí, vossa casa.

Além dos prefixos apontados, existem outros com função possessiva, ora fazendo o papel de adjetivo, ora de pronome pessoal. Estas particulas, porém, estão mais ou menos intimamente incorporadas aos nomes.

O estudo do lexico disponivel revela que grande numero de palavras, substantivos e verbos, algumas vezes tambem certos adjetivos, começam uniformemente pela mesma sílaba. Conseguimos discriminar as seguintes:

Dja, dje, djo, dju, dio, diu ou talvez **dj, di** que nos parecem formas diversas de um mesmo prefixo; **i, it, e, et, t, e**, finalmente **sê, si**.

A que ocorre com mais frequencia é **i**:

Ifê , axila	Idê , esposa
Isitá , ventre	Ihô , penis
Iká , filho	Ilí , cabelo
Isêtá , escroto	Ir'etá , cintura
Ikôtsê , mão	Ir'ôle , virilha
Iksalê , lingua	Itxôká , dorso
Iská , testiculo	Itusitá , olho
Iktônoº , perna	Ixí , irmão
Isôtá , testa	Ixir'í , pé

Parece claro que este prefixo indica uma relação de posse, provavelmente correspondendo á primeira pessoa do singular; vale por **meu, minha**. Realmente, a forma do pronome possessivo **meu** é **iksaká (J)** ou **iksá (M)**. De mais, como já vimos analisando algumas frases, **i** é o adjetivo possessivo correspondente á primeira pessoa.

Em seguida, avulta o prefixo **dj, di** ou **dja** com as suas variações:

Djatê, boca
 Djatiô, epigastro
 Djatsá, queixo
 Djaxí, dente
 Djelotá, nariz
 Djoká, pescoço

Djonô, umbigo
 Djutxi, labio
 Diôhó, torax
 Diôlá, nadegas
 Diú.á, intestino
 Diuí, peito

Não conseguimos determinar se todos estes indices se referem á primeira pessoa. Póde ser que *dje*, *djo*, *dju*, *dio*, *diu* sejam formas do possessivo *meu* e *djá* do possessivo *teu*, visto como *a* é o adjetivo possessivo da segunda pessoa do singular. Entretanto, isto não fica demonstrado, sendo também possível referi-las todas á primeira pessoa. O fato de todas elas terem um som predominante *i* ou *j* tanto que até se poderá supôr que a fórma exata seja *dj* ou *di* apenas e não existir a forma em *i* (*dji*) que, parece, se não conformaria facilmente com a hipótese por ultimo indicada, enfraquece a suposição de que *dja* corresponda a *teu*. No caso da fórma do pronome ser *dj*, *di* para a 1.^a pess. do singular, *djá* deve ser *nosso*, forma do pronome de 1.^a pessoa do plural.

Nas expressões que em seguida transcrevemos, a fórma *djô* funciona como pronome pessoal da primeira pessoa:

Djôká, eu vou (J).

Sôma djôkahê, amanhã eu irei (J).

Num outro grupo de palavras (substantivos) encontramos o prefixo *sê*:

Sêdaiiá, fumo

Sêetê, passaro

Sêiá, moça

Sêkefê, campo cultivado

Sêloá, espinho

Sêtsá, selvagem

Sêti, casa

Sêtisô, amerincola.

A seguinte observação de Jacobina nas suas notas manuscritas:

Sêti, casa (de caboclo)

Sêtô, rosto (de caboclo)

Sêiá, cabocla moça

Sêlí, cabelo (de caboclo)

faz supôr que este prefixo *sê* tenha uma função privativa e valha pela expressão “de caboclo” ou melhor “da nossa terra” e ainda “do mato”.

Alguns substantivos e certos adjetivos, particularmente os nomes de cores, começam por *e* ou *et*:

Eká, flexa	Etaiô, cavalo
Efuá, montanha	Etsê, amarelo
Efô, marido	Etdêa, azul
Elêá, branco (côr)	Ethêá, diligente
Efeklá, velho	Etodôá, cadaver
Elêká, ruim	Etuaká, amar, querer
Exá, doce	
Eská, ovo	

Jacobina regista:

Esáh, mãe	Isáh, minha mãe (6)
Etfê, pai	Itfê, meu pai

Por onde se póde pensar que este *e* de *esah* e de *etfê* seja um artigo ou um índice possessivo de 3.^a pessoa.

A função demonstrativa do adjetivo limita-se a *uá*, este, esta, isto; e a *txiuá*, aquele, aquela.

A respeito dos quantitativos numerais, segundo Jacobina, o carnijó tem apenas os quatro seguintes, porém Mario Melo descobriu mais um quinto:

1 Fatôá (J)	Fatuá (M)
2 Tcâno	Tcâno
3 Lixino	Lixino
4 Satôtkano	Satutkano
5	Kôia

Locução adjetiva; como em português, com elisão da preposição:

Iatí kôska, casa de palha (aliás, nossa casa de palha).

Pronomes pessoais — Conforme Jacobina e Mario Melo, as formas nominativas são:

6) Segundo Mario Melo "mãe" é *icia*.

eu	oê (J)	uê (M)
tu	aoê	auê
êle	sah'í	txanúa (?)
nós	ioh'o	
vós	uô.ô	
cles	satô,thaktôá	

As expressões:

I. nandôá, eu ví;
 I. txiká, eu chego;
 I. eitxonkía, eu trouxe;
 I.diu.uká, eu estou cansado;
 Djoká, eu vou;

A. kenexí, assente-se;
 A. kotxastiana Vc. tem dinheiro;

Xone êtikarlê, João chegou;
 Etíne, êle voltará;
 Êúkia, matou;
 Êlener'o, ofendeu;

demonstram que os prefixos i, 'dj, a e ê funcionam como pronomes pessoais; aliás, como já vimos, i e a são adjetivos possessivos que correspondem a meu e a teu; e deve corresponder a êle.

Das frases que se seguem:

Xone tolê Antonio sáukía, João e Antonio brigaram;
 Sákarlê, foram (embora);
 Satkêká, dansam

Euxi.iatstê, vamos embora

depreende-se que os pronomes pessoais desta serie, no plural, sejam eu, sâ, respectivamente nós e eles. Teriamos então:

i,	dj	1. ^a pessoa do singular;
a,	au	2. ^a " " "
ê,	tê	3. ^a " " "
é,	éu	1. ^a " " plural
—	—	—
sâ	êsâ	3. ^a pessoa do plural

Pronomes possessivos. Jacobina dá uma lista de cinco e Mario Melo de dois apenas. Ei-los:

meu	ik.saká (J)	ik.sá (M)
teu	ak.saká	ak.sasá
seu (dele)	tak.saká	
nosso	iak.saká	
vosso	uak.saká	
deles	————	

Nas frases:

Tak.sá er'ésa, o teu é grande;

A.tí; tatilixinka iksêsá, a tua casa; minha mais bonita.

Os pronomes minha e dele afetam respectivamente as formas tak.sá e iksêsá. Na composição, comumente aparecem estas formas contraídas. Encontramos outra forma ainda mais resumida: ksá, dele.

Quanto aos pronomes obliquos, somente tivemos para a análise a oração seguinte:

Oiâ tê í tixina, dê-me um pouco de agua;

Na qual o pronome í corresponde a me. Não é possível verificar se ha realmente variação de caso.

Pronomes interrogativos—Da observação das frases: Totá lefeá êukía, quem matou o veado?

Tôr'ê a.tefê, quem é teu pai?

Tôt'tetitá, que êle está fazendo?

Tôksâ uá otxaiá, de quem é este machado?

deduz-se que a raiz pronominal é tô; corresponde a—que? quem? o que? etc. A forma “de quem” deve ser analisada:

Tô ksá uá otxaiá

Quem dele este machado?

Nas orações onde não ocorre o pronome, a interrogação, parece, deve ser indicada pela intercalação da particula ma:

A koê.ma utxastiâna, Você tem dinheiro?

Na afirmativa, esta frase é:

A koê.utxastiana, Você tem dinheiro

Na expressão:

Aê akakáu.ma, oh, como vai?

que é a forma geral de saudação, o ma vem no fim,

Verbos.—Na relação dos verbos constantes dos vocabulários de que dispomos, vê-se que 54,5% terminam em ká; 29,5 em kĩa; 6,8 em arlê, ou lê; 4,8 em tê, 2,2 em xê e, finalmente, 2,2% em kí. Si considerarmos as formas ká e kí como redução de kiá teremos para esse sufixo a frequência de 86,2%. Não podemos afirmar com segurança que tal sufixo caracterize algum tempo ou modo; entretanto, sob a forma ká acompanha ordinariamente o presente:

Unima i.netiká.dê, hoje não posso;
I.diuká eu (estou) cansado;
Eidjuadualhá ituaká efendi esêsá, amo a Deus mais que tudo;

Uníma i.sêtikaká tolê.kê hoje eu desejo dansar no tolê;

Oiâ i.tsôtak.ká, eu quero beber agua;

Di.iká, eu como;

Di.itak.ká, eu quero comer;

A.kamak tak.ká, Você quer casar.

Vejamos agora alguns verbos no preterito:

Pedro klekeníu eúkia, Pedro matou a onça;

Xone eitikarlê, João chegou;

Elitiôá etikôa.sê Xone, o carneiro foi morto (por) João;

José tolê Antonio sá.úkia, José e Antonio brigaram;

Tôsê klaixiuá elenêr'ô, quem ofendeu ao Padre?

I.kutxilíka i.eitxonkía sêde, eu trouxe a minha caça do mato;

Natsaká i.eitxonkía sekefêde, eu trouxe feijão da roça.

Nas formas verbais do passado não figura em todos estes exemplos o prefixo ká; entretanto, aparece com relativa frequência o prefixo kía.

Apenas conseguimos obter duas frases relativas ao tempo futuro:

I.tine soma, voltarei amanhã;

Totatkê etine, quando êle volta (voltará)?

Quanto á característica dos modos, a questão é ainda mais obscura. O imperativo parece ser indicado pela infixação da particula xí:

A. kene.xí xileká, sente-se no banco;

Apo.one.xí, levante-se;

Auxí oseá.ma, traga o cachimbo.

Antonio auxí xixiá tektí, Antonio, vá fazer café.

O participio passado parece caracterizar-se pelo sufixo sê:

Etkôa.sê, morto.

O participio presente ou gerundio leva ordinariamente o sufixo tê:

Eutê, ralando;

Enisiaetê, fumando.

E' possível que os verbos dos vocabularios terminados em sê ou xê e tê sejam formas do participio preterito ou do supino e do gerundio:

I.kotsê, eu bebido;

A.futxi.xê, Você pegado;

I.kotê, eu bebendo (estou bebendo);

I. kotesôtê, eu castrando (estou castrando).

Nos vocabularios, as palavras que traduzem os verbos começam sempre por i,e, sá e mais raramente por dj, isto é, pelos indices pessoais. Fazem exceção á regra os verbos impessoais:

Flikiá, chover;

Tasaxiká, ferver (está fervendo?)

O verbo substantivo "ser" não existe:

Iatí kôska, a nossa casa é de palha;

Tedí kêlha, o caminho é comprido;

Uá sêti etiane, esta casa é alta;

I.lê.k.ká, meu cacete é pequeno;

A. lê eresá, teu cacete é grande;

Paulo efketá, Paulo é o chefe.

Adverbio — Os vocabularios são pobres em adverbios de lugar, certamente por inexperiencia dos coletores:

Adverbio de lugar: tfáfe, onde

Adverbios de tempo: uníma, hoje

sôma, amanhã

ustíua, breve

atdía, logo, já

iokána, mais tarde, depois

Adverbios de modo: kaká, bem

teká, mal

Adverbios de quantidade: resá, mais

eféndi, tudo

Adverbios de modalidade: io, não
anh'an, sim

Preposição—Poucas são as preposições que conseguimos discriminar nos pequenos textos. Em geral ocupam a extremidade posterior da oração .

Kê, no, em, de:

Tolê.kê, no tolê (7) .

Lósila.kê, no coração, amizade;

Sêti kose.kê, fóra da casa;

Sêti tée. kê, dentro da casa.

De, sem:

Efô. de. donkía, viúva (marido sem, mulher);

Ede.de.tudoá, viúvo (esposa sem, . . .)

Tolê, com, junto de, em companhia, reunião;

Pedro tolê Xone taká, Pedro está com João;

E' interessante notar as formas:

Itolê, comigo;

Atolê, contigo, com você;

Iatolê, conosco;

Satolê, com eles.

Conjunção—Ainda mais raras são as conjunções no falar dos Carnijós. As copulativas “e” e “também” podem ser traduzidas por tolê:

Pedro tolê Xone sa.wakía, Pedro e João brigaram.

Sempre que é possível, as preposições e conjunções são eliminadas da frase.

Interjeições—Apenas apanhámos as duas seguintes:

Aê, oh!

Anh'an, Ah, sim!

Formação de palavras—Os exemplos seguintes mostram de maneira clara os processos que a língua uza na formação dos seus vocabulos:

Etaiôká, poldro (filho de cavalo ou cavalo pequeno);

7) *Tolê* é o nome que os índios dão a uma dança religiosa só executada pelos representantes puros da tribo, mas na qual tomam parte homens e mulheres. Nessa cerimonia religiosa, a musica consta de duas figuras tangendo grandes tubas (*iakitxá*), de diâmetros diferentes e de duas outras com maracás sagrados. O canto é confiado ás mulheres e as figuras coreograficas parecem imitação de gestos de certos animais (talvez velhos e esquecidos totens).

O sufixo *ká*, *de ikâ*, filho, exprime também diminuição, coisa secreta, íntima.

Tê, fala, o falar;
Iatê, a nossa fala, o idioma carnijó; (8)
Iatêká, o nosso falar íntimo. Mario Melo traduziu a expressão pela palavra portuguesa “saudade” em vista da interessante explicação que ouviu de uma índia.
Ia têna, conversar;
Iateneká, estamos conversando;
Lefê, animal;
Lefêá, veado (animal grande);
Lefêtiá, boi (animal maior do que veado);
Isí, avó;
Isiá, mãe (mais do que avó);
Fwlí, riacho;
Fwliá, rio (riacho grande);
Fê, terra;
Fêá, lua (terra grande);
Fêtiá, sol (maior do que a lua).

Ainda se formam com a raiz *fê* (terra, solo, chão) as palavras:

Difê, minha roça (meu campo de culturas);
Sêkêfê, roça de carnijó;
I.fê.etkê, calçado, alpercatas;
I. fê.tsá, calcaneo;
I.fêr'ia, artelho.
Et.kê.á, trabalhador (habituação a trabalhar);
Sêti, casa (abrigo de gente);
Sêtisôtí, casa de caboclo, casa campestre;
Sêtisôi. kotsá, porta;
Iatiká, chefe (o chefe da nossa casa);
Iatilhá, cidade de Aguas Belas (a nossa morada nobre);

8) Os fulniôs chamam *Iatê* ao seu idioma. Aprendem-no ao colo materno e somente quando entram em relação com os estranhos começam a falar o português. Na aldeia só falam a sua língua. Os mais letrados, embora incapazes de discorrer correntemente em português, fazem na própria língua verdadeiros discursos.

Til̃a.tí, inferno (casa do diabo);
 Djatxá.lí, barba (pelos do meu queixo);
 .Djutxi. lí, bigode (pêlos dos meus labios).
 Ifé.li, pêlos axilares.
 Itôlí, pestanas (**pelos dos meus olhos**);
 Djelôtá.sí, narinas (orifícios do meu nariz);
 Txifakê.sí, conducto auditivo.

Parece provavel que a raiz sí (orifício, cavidade, cova, etc.) appareça tambem nas palavras:

Isí, avó;
 Isiá, mãe;
 Isitá, ventre;
 Is (i) ká, testiculo;
 E. s (i) ká, ovo;
 Iósila, coração;
 Iósilakê, amizade (no coração);

Sintaxe. Quanto á coordenação das palavras, pouco é possível dizer em vista da escassez do material disponível; sobretudo de textos. As frases têm construção muito simples, todavia já se notam clausulas intercaladas no corpo de certas orações:

Fediaká inandôa ekkane, cobra (que) eu vi (era) pequena;

Nas proposições, o sujeito vem ordinariamente em primeiro lugar, o verbo no ultimo e o objeto, se existe, intercalado:

Eidjadualhá ia.iaónse taflinka, Deus nossa alegria mandou;

Pedro klekeníu êukia, Pedro onça matou;

To sê klaixiuá elener'ô, quem padre ofendeu?

Entretanto, talvez por influencia do português, esta regra não é absoluta. Parece que a relação adverbial consegue deslocar o verbo para antes, ficando no seu lugar:

I kutxilika i.eitxonkía sê.de, eu trouxe a minha caça mato do;

Natsaká i.eitxonkía sekefê.de, feijão eu trouxe roça da;

José taká sêti kosekê, José está casa fora;

Lefetiá taká xileká efendi, o boi está pau em baixo.

O complemento restritivo é indicado pelo índice possessivo correspondente á 3.^a pessoa:

Paulo e.tí, Paulo sua casa (casa de Paulo).

Afinidades. No comêço destas notas dissemos que o Karnijó não oferecia relações de parentesco com qualquer dos idiomas das familias Karirí, Gê, Karaiba, Tupí ou com outros de que é possível supôr tivesse havido contacto, pelo menos nos ultimos anos antes da colonização do territorio habitado pelos indios Fulniôs. As afinidades verificadas entre o Karnijó e as linguas das familias referidas e mais com as das familias Arawak, Pano, Bororó, Karadjá, Chavante otí e Nambikuára não são de natureza que permitam a inclusão em qualquer delas. Conclue-se, pois, que ou o Karnijó representa as reliquias de uma familia linguistica, ainda não computada na relação das linguas americanas do Brasil ou liga-se a alguma familia que não tem representantes no nosso territorio, pelo menos devidamente conhecidos.

Vocabulario comparado Karnijó-Karirí

<i>Português</i>	<i>Karnijó</i>	<i>Karirí</i> (9)
Axila	fê (M)	saibó (Krl)
Braço	kotxá (M), txáfuá (B)	bó (Krl), tēna (Kr2), tza-né (S)

9) Nos vocabularios comparados utilizamos as abreviações seguintes:

Kr1	Kipéa (Mamiani)	kmû, Krenak, Naknanuk,
Kr2	Kayriri (Martius)	Buturuna, Djiporoka, Pojixá).
S	Sabujá	G7 Canela (Remakô, Kamekrére).
D	Dzubukua	G8 Coroadó
G	Gê	G9 Geikó
G1	Akroá	G10 Gradaô
G2	Akuã	G11 Guayaná
G3	Apinagé	G12 Ingain
G4	Aponegikrã	G13 Kaiapó
G5	Araé	G14 Kaingang
G6	Botukudo (Burung, Kra-	

Boca	tê (M), utxí (B)	waridzá (Krl)), orizá (Rr2). orize (S)
Cabeça	tkiá (M), tká, ká (J)	tçambu' (Krl), tzambu' (Kr2), zabu' (S)
Cabelo	li (M)	dy (Krl), dui (D), hôtsssebu' (S)
Coração	ósila (M)	si (Krl, Kr2), di (D)

G15 Kamakã
G16 Kamé
G17 Karahô (Makamekrã)
G18 Karaku' (Karau')
G19 Kapochó
G20 Koropó
G21 Kotochó
G22 Krenzé (Timbira)
G23 Makuní
G24 Malali
G25 Machakali
G26 Masakarã
G27 Mëkubengokré
G28 Menien
G29 Merrin
G30 Patachó
G31 Purí
G32 Chavante
G33 Chikriabá
G34 Suyá
G35 Tajé

T Tupí
T1 Abaneenga
T2 Abaneenga da costa (An-
chieta, Figueira, Evreux,
Abeville, Dic. Brasileiro)
T3 Abaneenga do Sul (Mon-
toia, Restivo, Caetano,
Domingues Tenorio)
T 4 Apiaká
T5 Auétö
T6 Canoeiro
T7 Kamayurã
T8 Kayowá
T9 Kokama
T10 Kuruaé
T11 Emerillon
T12 Guajajara
T13 Miranha
T14 Mundurukú

T15 Neengatu' (Martius, Mar-
coy, Couto Magalhães,
Barbosa Rod., Stradelli,
F. Costa, Tastevin).
T16 Omagua
T17 Orenoco (Linguas do)
T18 Oyampí
T19 Parintintín (Kawahib,
Paranawát)
T20 Chipaya
T21 Chiriguano
T22 Tembë
T23 Umáua

K Karáiba (Família)
K3 Apiaká (Apingul)
K5 Arara (Ajujuré)
K8 Aruma
K9 Bakaéri
K23 Kayabí
K33 Nahukwá
K39 Palmela
K42 Pariri
K48 Pimenteira
K71 Yuma

A Arawak (Família)
A2 Antí
A4 Araiku'
A6 Arawak
A7 Aruan
A8 Atorai
A10 Baniva
A11 Baré
A12 Baure
A13 Guaná (Lariana)
A15 Guinau
A17 Ipéka
A18 Ipurinã
A19 Izanení
A21 Yumana

Dedo	kó, txô (B)	musambugi (Kr2)
Dente	xí, axí	dza (Krl), záh (Kr2), za (S)
Intestino	á, uá (M)	hê (Krl)
Joelho	txitô (M)	kudú (Krl), dātohudu' (D)
Labio	txí (M)	hebí (D)
Lingua	kslê (M)	nunu (Krl), nuni (S)
		mysã (Krl), mussang (Kr2),
Mão	kôtsê, kôhō	damoeda (D), musoe (S)
Olho	tu, tō,	pó.
Orelha	txifakê (M)	benhe (Krl), benié (D), be-
		nie, penie (S)
Pé	xíhi, felhe	by (Krl), bui (D), pui (S)
Peito	uí (M), hohō (B)	crabu' (Krl, S), piccoh' (Kr2)
Penis	hō (M)	nhe, nie (Krl), niu (R) lé (S)
Perna	kôtone (M)	beya (Krl), uoo, wō (Kr2)
Testa	sôtá (M)	kobé (Krl), ampri (Kr2), ko-
		bé (S)
Testículo	sêta (M)	sondé.
Umbigo	nô (M)	mucrí (Krl, Kr2), mukli (D, S)
Unha	kôtkiã (M)	bayá (Krl, S)
Ventre	xitá	byro (Krl), muddu (D), mut-
		tuh (Kr2), mutu (S)
Vulva	taktális (M)	zahaéh (Kr2), sinué (S)

A23 Kanamaré
 A25 Kariay
 A26 Karutana
 A27 Katapolitani
 A28 Kauichana
 A30 Kulina
 A31 Kuniba
 A34 Manáu
 A39 Marawan
 A40 Mariaté
 A43 Moxo
 A46 Palikur
 A47 Paresi
 A48 Passé
 A53 Saravéka
 A54 Siusi
 A55 Taino
 A56 Tariana
 A57 Tikuna
 A58 Uainumá
 A59 Uarekéna
 A60 Uirina
 A61 Uro
 A62 Wapichana
 A66 Yukuna
 A68 Katokina

B Bororo (Familia)
 B1 Orarimugudoge
 B3 Kovarekã
 B6 Kuruminaka
 B7 Otuké

P Pano (Familia)
 P3 Arasa
 P5 Karipuna
 P6 Kunibo
 P7 Kulino
 P8 Kaxinauá
 P9 Katukinã
 P11 Maioruna
 P12 Pakaguara
 P13 Pano
 P19 Yamiaka

Kj Karadjá
 O Otí
 N Nambikuara
 Gt Guató

(M) Mario Melo
 (J) Jacobina
 (B) Branner

9) O pouco que conhecemos de outros dialetos kariri, aqui não considerados, nada adianta em favor da inclusão do karnijó nesta família linguística.

Fogo	tôê (M), töx (B)	su' (Krl, S)
Montanha	fuá, fôá	boêdô (D)
Sol	fêtiá (M) fetxiá (J)	uquie (D), utsé (S),
Terra	fê (M)	radá (Krl), ratá (S)
Avó	isí	niké
Avô	itó	tô
Homem	otská (M)	erái
Mulher	edeá, txai	tidzí (Krl), kütsi (S).

Vocabulário comparado Karnijó—Gê (10).

Português	Karnijó	Linguas Gê (10)
Boca	tê, utxi	kuá, koá (G3, G4, G13; G17; G29); kwá (G7), kxoá (G22), xoá (G35), koni (G34), ká (G15), kô, gô (G1 G21, G28), koi, (G19; G23; G25); ma, ximá (G6), nká (G12), tá (G11); dawá (G2); toá, doá (G1, G33), kü; tkí; kin (G14, G16).
Braço	kôtxá, txafuá	pá (G4, G13, G17, G18; G22; G29; G33, G3), pas (G32), pã (G9), pê, do (G14); dui (G35), pa, po (G24), pakü (G1), ghiá (G15; G28), hitá, hã (G21); noi, pnoi, poi (G25; G19), katô (G30), nim, nhim (G23), porok, pok, nume; (G6), karé (G31), kohe, kóra, nat (G8).
Dente	xi, axi	tuá (G3, G17), toá (G34), tsua, tiuá (G29), tsoá (G20, G25) tsiô (G30, G23), txuá (G17); txoá (G22; G7; G35); txó (G15); djuá (G3, G13), djlú (G6); dió (G21); xw (G19); xô (G20); kwá, gwæ (G2), jo (G28), já (G14).

10) Os índios que falavam as linguas gêas como os que falavam o karirí eram os mais próximos vizinhos dos karnijós. Por esta razão desenvolvemos mais o estudo comparativo no intuito de achar afinidades capazes de permitirem a inclusão do *iatê* em qualquer daquelas famílias. Neste trabalho apenas figura o essencial para demonstrar impossibilidade do parentesco.

Lingua	ksalê	ôto (G3, G4, G13, G17), ôtô (G29, G35), ôt' (G7; G22); noi-to, nito; nintu (G2), gêtô (G32), oanto (G9); noné (G1); nho-né, une (G14), netá (33), òra (G5), nhoto (G10, G27).
Mão	kôtsé, kôhô	nikrá (G2, G10, G13, G27); ukrá, ikrá, iukrá (G4), nkrá (G29), unkrá (G22), nhukrá (G7), unxrá (G35), inkru' (G15, G28), inkré (G21), i-perá (G32), pigrá iperá (G33), begrá (G1), ingê (G16), nké (G14).
Olho	to, tu	ndô, ntó, (G3; G4, G6, G7; G22; G29, G35); nô (G13), tó, toi (G2 G15, G21, G24, G28), tō, tone (G14), tomã (G33), ntá (G12), mpã (G11).
Ventre	xitá	tú (G4, G17, G29, G31); tub (G1); ndú (G2, G28; G33), dune (G16); dung (G14); pu (G9); grünhe (G26); on, ion, ionho (G19, G23, G24), kuang (G6).
Flexa	eká	krúa (G3, G10, G22, G27; G35), kru', kurua, klua, khúa (G13; G7, G29), hain (G15, G28)), hoay (G21); kuan (G19), pói, pohoy (G24, G30); paan (G23), ap.hon (G8, G31), uajik, ma-gik; oajik (G6), ti (G2, G32), tiké, tiki (G33, G1), ti do, ndô (G14), mae, mee (G5).
Sol	fetiá	put, puut; mut (G1, G4, G10; G13, G17, G27; büt, püt (G17, G29), pud (G7); pyd; pyt (G22, G35), hub (G2).
Cabeça	tkiá, tká, ká	krã (G1, G2, G3, G4, G13, G17; G29, G33), kren krene (G6, G7, G22), gran (G9), klin, krin (G14, G16), ken (G24).
Cabello	li	ki, kin, kri, (G3, G13); kein; kei; kin (G17, G29), xü, kxi (G22); kê; gê; rê (G15, G21, G28), sê, xê (G20, G26), gê (G8); de, ten (G25), dã (19), kê, ké; gei (G6, G12, G31), zai; yai; sai (G9, G32); jai (G33); xé, sé (G1; G9); syié (G5); gaix, nhen (G14); guen (G16); xy (G35); kxin (G7).

Vocabulario comparado Karnijó-Karaiba (11).

<i>Português</i>	<i>Karnijó</i>	<i>Linguas karaibas (ao sul do rio Amazonas).</i>
Boca	tê, utxi	itári, otari (K9), üthubürin (K48); porinha (K5), epete (K39).
Braço	kôtxá, txafuá	k'awari (K9), apori mrungá (K5).
Cabeça	tkiá, tká, ká	pepe (K39), utiá (K5), tea-buri (K48), inagukú (K9)
Dente	xi, axi	véri, kx'iel (K9), ére (K39); yéri (K5), jarí (K48).
Lingua	ksalê	utú (K9), muri (K48), ilu (K5), nuo (K39).
Olho	to, tu	k'aanu, eno (K9) oenugthuburüh (K48), onhurumã (K5).
Penis	hô	k'ilel; k'ileri (K9), giko, aring (K48), járe (K39), impêga (K5).
Ventre	xitá	jangmunü (K48), yaminuru (K5), hure (K39).
Vulva	taktalis	eli; elli (K9); pützemaung (K48), ori (K5); óhri (K39)
Fogo	tôê, tōx	péto (K9), waffundi (K48), kanupô (K5), va.va (K39).
Lua	fêa	numa (K9), nullu (K48), nuna (K5), luna (K39).
Sol	fêtiá	xixi, txitxi (K9), titti (K48), titi (K3), ueho (K39), titi (K5).
Avô	to, tu	damu; ámo (K9); tschi-aungéh (K48).
Mãl	siá, si	sêko, ise, tihê (K9), niaingjá (K48), yenê (K5), enakone (K39).
Pat	tfê	igume (K9), juju (K48), pakone (K39), pãpã (K3).

Vocabulario comparado Karnijó-Tupí.

<i>Português</i>	<i>Karnijó</i>	<i>Linguas tupí</i>
Boca	tê, utxi	juru', giuru' (T2); zuru' (T22).
Braço	kôtxá	jiba, iüüa (T2), Zlwa (T22).

11) Depois dos kariris e gês, os mais proximos vizinhos dos karnijós eram os tupis e karaibas. Os vocabularios que organizamos para este trabalho, cremos, bastam para que se verifique não ser possível fazer ingressar o *iatê* nas respectivas famílias.

Cabeça	tkiá, tká, ká	a, akā, akang (T1); acanga (T2), acaang (T3); akana (T4), akang (T7), akan (T8), cang (T12); akae (T16), akaga (T17), ankang (T18); akan-gu (T15); ankā (T21), oijá, uiaã (T14), acanga, acanh (T15); acang, akan (T19); tabá (T20), uá (T10); níkuá (T13), eauxnã (T6); yake (T9); acanga (T22); iakan (T15).
Dente	Xi, axi	Çáinha, tanha, sanha, ranha (T2; T15), taim (T2), tã (T3), ranha (T4), indai (T5), itai, rai (T7), rahim (T8) sai, tsai (T9), omai (T10), ranhe, rã (T11, T12), irei (T14), say, zai (T16), ranha (T17), ranhe (T18), rain (T19), aiá (T20), ruí, uf (T22).
Lingua	ksalê	iapycon, apekon (T2); apiku (T22).
Olho	to, tu	teça, tessá (T2), teha (T22).
Penis	hó	taconha (T2), temo (T22).
Ventre	xitá	marica, thuyenaçu (T2).
Vulva	taktalis	teiza (T22).
Fogo	tôê, töx	tatá (T2, T22).
Lua	fêa	jacy (T2), zahi (T22).
Sol	fêtiá	coaracy, quæraçi, cuaraci, kwa rasy (T2; T3; T4; T21); ará (T6), kwarau' (T8), kuaratxi kuratxi (T9), káidi (T10), quarahü (T12), caxi (T14), korasé (T15); wæ rasy, korasy (T15), huarassi, guaraxi; ghuálatxi (T16), warasi (T17), kwaraf (T18), kwará (T19), koadé, (T20), kwarahi (T22).
Avô	tó	tamuya, tamoin (T2).
Mãe	siá, si	mâya, af (T2), hie (T22).
Pai	tfê	tuba, tuue (T2), tuwa (T22).

Vocabulario comparado Karnijó-Bororo (12).

12) Em relação aos karnijós, para além dos kariris, gês, tupís e karaibas, viviam bororos, arawaks, karadjas, nambikuáras, otis, guatós e panos. Embora a pouca probabilidade de deparar entre o idioma dos fulniós e qualquer das linguas faladas por esses ameríndios, levamos o nosso estudo comparativo até elas, especialmente aprofundando-o quando se tratava de dialetos de tribus que estacionavam ao sul do rio Amazonas, únicos que, resumidamente, consideramos neste trabalho.

<i>Português</i>	<i>Karnijó</i>	<i>Línguas bororo</i>
Boca	tê,utxi	ixiora (B7).
Cabeça	tkiá, tká,ká	ikitao, kitaho (B7), itaura, Ikaura, Itawara (B1).
Dente	axi, xi	itio (B7), itó, ita (B1).
Língua	ksalê	itséru (B7); ikeru, teru (B1).
Olho	to, tu	itxaa, itxaha (B7).
Penis	hó	iviaha (B7) iuaga (B1).
Umbigo	nó	itxenapo (B7), ikönabo (B1).
Ventre	xitá	iyure (B7), ikuré, iuri (B1).
Vulva	taktalís	vavenesitia (B7).
Fogo	toê, töx	reru (B7), yoro (B1).
Chuva	flikiá	buhulento (B1).
Lua	fêá	ari (B7), ári, arzi (B1).
Sol	fetiá	neri (B7) meri (B1).
Avô	tó	edoga (B1).
Pai	itfê	ioka (B3), txôko (B6), iuga (B1).

Vocabulario compãrado Karnijó-Arawak.

<i>Português</i>	<i>Karnijó</i>	<i>Línguas arawak (ao sul do rio Amazonas).</i>
Boca	tê,utxi	p'numa (A7), onónke (A12), bahalo (A33), nahma (A23) ekuacha (A30), kebi (A31), neomakô (A39), nenema (A18), xinhaku (A53).
Cabeça	tkiá,tká,ká	chüy (A23), mazú (A30), ska (A31), seuri (A47), êru (A57), atxa (A61), héve (A53), teul (A32), kiwi (A18), küne (A7), pahê (A12), nutí (A13), tóde; (A33), txuti (A43).
Dente	axi,xi	puuta (A57), naü (A23), sitá (A30), noi (A43), sêra, serio (A12); uhê (A33), atze (A61), ikiri (A53), ikuli (A47), nuê (A13), tsérin (A18).
Penis	hó	piaká (A 12), sâme (A23), yah (A30), nisi (A39), nipítsi (A18), itihiyu (A53).
Ventre	xitá	p'kire (A7), nésa (A12), dju-úva (A13), ingoho (A33), nemá (A23), bubi (A30), puru (A31), netikako (A18), etahaku (A53).
Vulva	taktalís	guzeno (A12), lachitxi (A23), kuh (A30), akur (A39), ot-seniki (A18), etxeu (A53).
Sol	fetiá	wary (A30), ghasiry (A23), vary (A31), kaame (A53); kamái (A47), shasá (A12), katxe (A13), haxé (A33), saatxé (A43).

Lua	fêá	hoet (A7), koéve (A13), kohehe (A33), yatxy (A23), oxy (A30), uxê (A31), ualiauã (A39), kasiri (A18), katxe (A53).
-----	-----	--

Vocabulario comparado Karnijó-Pano.

<i>Português</i>	<i>Karnijó</i>	<i>Linguas pano</i>
Boca	tê, utxi	üşchá, ibi, ira (P11), ecuacha (P7), kébi (P5), kôxa (P8).
Cabeça	tkiá, tká, ká	maxahue (P3), mapo (P12), maschó, moho (P11); mápo (P5), mazú (P7), buscá (P6); bux'ká (P8).
Dente	axi, xi	tschitá (P11); satá (P5), sitá (P7); tsena (P12), setá (P6), xötá (P8).
Lingua	kəalê	âna (P11), haná (P5), anu (G7); kama (P12); hanah (P3), anā (P6), rana (P8).
Olho	to, tu	pora, bedo (P11), buero (P5), warru (P7), huirahui (P3), bueru (P6), börö (P8).
Ventre	xitá	pokukite, pusá (P11), puschu (P5), guby (P7), atokna (P12), puru (P6); pôcto (P8).
Sol	fêtiá	pary, bari (P11), baari (P5), wary (P7), warí (P12); huari (P16), huari (P6, P13), wari (P4); vari (P6), fuarri (P3).
Fogo	tôe, töx	tzy, si, sii (P11), tschü (P5); yuai (P7); txii (12), xi (P6), ti (P8).

Vocabulario comparado Karnijó-Karadjá (Kj)' Ot' (O), Nambikuára (N) e Guató (Gt).

<i>Português</i>	<i>Karnijó</i>	<i>Karadjá (Kj), Oti, (O) Nambikuára, (N) e Guató (Gt).</i>
Boca	tê, utxi	aru' (Kj), iusu' (N), djió (Gt).
Cabeça	tkiá, tká, ká	ará, uara (Kj), kô (Gt).
Cabelo	li	araday, aradê (Kj), naódj (O), uainikesê (N), maê (Gt).
Dente	axi, xi	adju', adiu' (Kj), ûa (O), oisê, ani (N); makā (Gt).
Lingua	ksalê	darato, darotô (Kj), xají (Gt).
Mão	kôtsê, kohô	debo, tépon (Kj), toaikisê (N), idá (Gt).
Olho	to, tu	aruwé, arudê (Kj), oaienzê (N); marei (Gt).

Ventre	xitá	uankâme (Kj).
Fogo	toê, töx	aotú, êoti (Kj), ujide (O); mæ- tá (Gt).
Montanha	fuá, fôá	wasô (Kj), marapô (Gt).
Sol	fetiá	tinu', tiu' (Kj), iskentol (O), nuveé (Gt).
Terra	fê	soru; sóoô (Kj), mafó (Gt).
Pai	itfê	uaa (Kj), káibe (O).
Mãe	isiá	nadí, naãdi (Kj); kaié (O).

